

Esperando o metrô

Autora: Ronaldo Sirikaku

"Atenção: os trens estão rodando com velocidade reduzida e maior tempo de parada", anuncia uma voz no metrô lotado. "Estou esperando o metrô", ouço de um office boy ao lado falando ao celular. A estação está lotada e as pessoas parecem estar todas cabisbaixas, cientes que seus planos para o dia não correrão como esperavam. Reviro minha mochila a procura de alguma revista para passar o tempo e encontro um livro chamado "Esperando Godot", escrito por Samuel Beckett, sobre existência humana, o tempo e a eternidade. Começo a tentar ler, mas acho o texto e seus personagens surreais, diferente da multidão exótica ao meu lado, que acaba me fazendo alternar minha atenção entre literatura e realidade...

"Que bom que voltou! Pensei que tivesse partido" diz um homem ao seu amigo. Cada vez é mais difícil você encontrar rostos familiares no metrô, pois o número de passageiros aumenta a cada dia. Com a correria de cada dia e as aglomerações, os demais usuários acabam virando uma massa desprovida de individualidades e irreconhecível, o que ocorre especialmente nos horários de pico em lugares como a linha vermelha, sempre lembrada pelos moradores da zona leste como um...

"Que belo lugar! Rostos sorridentes!" Diz um vendedor aos usuários da plataforma. Como um apresentador diante de sua plateia, o ambulante tenta atrair a atenção dos seus potenciais clientes, que estão divididos entre aqueles que estão com um olhar catatônico para o nada e aqueles que estão mexendo em seus celulares. Após lutar para transitar entre seus apáticos espectadores, na esperança de realizar ao menos uma venda, o vendedor se rende ao cansaço, chegando a uma conclusão...

"Nada a fazer" diz o vendedor a um homem que está carregando uma mala pesada. Mesmo os passageiros mais revoltados acham se conformando, pois seja lá o que tiver acontecido, a solução não estaria em suas mãos. A atenção da maioria acaba então se direcionando a um homem de chapéu, aparentemente insano, que começa a recitar um monólogo desconexo em voz alta. Após longos minutos, o vendedor se irrita, arranca o acessório da cabeça do falastrão, jogando o acessório ao chão e pisoteia,

sentindo-se vingado. Como por um passe de mágica, o louco se acalma e este retorna ao seu estado de apatia, bem como seu agressor, e o tempo volta a correr lentamente...

"Estou esperando o metrô!" repete o office boy desanimado, diante das insistentes ligações da supervisora a cada dez minutos. A cada vez que ouve algum barulho vindo dos tuneis, o jovem ergue a cabeça no meio da multidão, ansioso por alguma locomotiva que o tire dali, permitindo que ele por fim chegue ao seu destino. Entretanto, tirando por sons estranhos que aparentemente ocorrem devido aos ventos subterrâneos, nada acontece. O tempo parece passar devagar sem os trens em funcionamento e a única coisa que todos podem fazer nesse caso, é esperar...

"Me ajude..." pede o homem da mala pesada ao indivíduo ao lado, que até pouco tempo antes tinha um chapéu. Seus óculos haviam caído nos trilhos e ele se dizia praticamente cego sem eles. Sem dizer uma só palavra, seu companheiro assentiu com a cabeça e ofereceu o braço como apoio. Apesar de serem aparentemente estranhos um ao outro, agora temporariamente tinham um destino em comum, que aparentemente nunca chegaria...

"Espere aí, e se eu sair da estação e pegar um ônibus?" Pensei, como se estivesse despertando de um transe! Comecei a traçar diversos planos para poder chegar ao meu destino depressa, sentindo-me revigorado. Ao tentar sair, percebi que a imensa turba atrás de mim se estendia até a saída do metrô, impedindo qualquer tentativa de deslocamento. Comecei a entrar em desespero, tendo uma sensação de claustrofobia, até que minutos depois voltei ao meu estado anterior, aceitando o inevitável: eu teria de esperar como todos os demais, seja lá quando isso acontecesse.

Um imenso silêncio impera na estação, incômodo no começo, mas de uma forma irônica, reconfortante após algum tempo. De alguma forma, aquele passou a ser um recanto livre do estresse do mundo exterior. Um lugar onde o tempo não faria diferença e ninguém tinha o controle sobre o que acontecia. Um pequeno paraíso, onde nem mesmo as preocupações cotidianas não nos alcançariam.... Exceto por uma irritante melodia de celular, atendida pelo jovem e cansado office boy. Porém antes que possa dizer qualquer coisa, seu aparelho é arrancado de suas mãos, e a plenos pulmões, grito: "ESTAMOS ESPERANDO O METRÔ!!!"